

2 v. em 1

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

# HISTORIA DE UM PESCADOR Completa





---

---

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

---

---

# HISTORIA DE UM PESCADOR

---

---

A mais interessante historia até hoje conhecida; quem lê a primeira pagina ficará ansioso para ver o fim do livro.

EM um estado da Grecia antigamente existia, um pescador velho honrado que honestamente vivia sustentava seus filhinhos, somente da pescaria.

A sua extrema pobreza não se pode comparar, tirando-lhe a pescaria não tinha aonde ganhar os peixinhos que pegava, dava para se sustentar.

As vezes passava fome por um misterio que havia, de uma promessa que fez que a muito tempo cumpria: de botar a rede n'agua, tres vezes por cada dia.

Há mais de 40 anos que vivia de pescar, aonde houvesse agua e peixe pescava em qualquer lugar foi pescar naquele dia, num porto da beira-mar,

Chegando, voou a rêde  
na horinha acostumada,  
quando puchou no cordão  
encontrou muito pesada  
diz ele: ou é um peixe,  
ou então está enganchada.

Ele foi puxando a rêde  
porêm com dificuldade,  
julgando ser tudo peixe;  
disse; oh! que felicidade  
era a ossada de um burro,  
dos tempos da antiguidade.

Ele ficou muito triste  
vendo que não pegou nada,  
pensando de onde veio  
aquela antiga ossada  
pois além de não ser peixe,  
deixou-lhe a rêde rasgada.

Como ele tinha cordão  
depressa o conserto fez,  
atirou a rêde n'agua  
e puxou com rapidez  
achou ela mais pesada,  
de que a primeira vez.

Julgando a rêde enganchada  
ainda deu um mergulho,  
trazendo a rêde nos braços  
e dentro viu um embrulho  
era um cêsto velho pôdre,  
cheio de lama e basculho.

Ele ai soltou a rêde  
pegou a se lastimar,  
dizendo: ai meus filhinhos!...  
como é que hão de passar  
só falta o unico lance,  
para me desenganar!...

Santo Deus!... mostrai-me um geito  
como é que hei de fazer,  
se eu perder esse lance  
mais tarde tenho de ver  
meus filhinhos inocentes,  
jejuando sem comer.

Dizendo aquelas palavras  
começou logo a chorar,  
—sou um pobre sem recurso  
não tenho com que passar  
lá em casa só se come,  
no dia que vou pescar.

Faltava apenas um lance  
para o pescador botar,  
ele voou sua rêde  
porêm quando foi puxar  
encontrou-a tão pesada,  
quase não pode arrastar.

Ele com muito trabalho  
puxou a rede p'ra fóra,  
vendo que não era peixe  
diz ele; estou caipóra,  
é este o ultimo lance,  
o que é que faço agora.



O pescador chegou fóra  
ficou muito admirado,  
porque encontrou na rêde  
um vaso todo fechado  
viu que o vaso era cobre,  
ficou bastante animado.

Dizia ele comsigo :

—foi melhor do que perder,  
como esse vaso é de cobre  
na vila eu posso vender  
com o dinheiro eu cômpro trigo,  
para meus filhos comer.

Ele examinou o vaso  
p'ra ver se tinha algum furo,  
e viu que na tampa dele  
tinha um sêlo bem seguro  
conheceu que aquele sêlo,  
era um metal muito duro.

Ele pegou num trinchête  
começou a investigar,  
para ver se abria o vaso  
não escolheu lugar  
com trabalho abriu o vaso,  
pensando depois fechar.

Pelo furo que ele fez  
saiu naquele momento,  
uma forte ventania  
com um fumaçeiro cinzento  
que subiu na beira mar,  
foi até ao firmamento.

O pescador nesta hora  
pouco faltou para morrer,  
vendo o céu interrompido  
e o oceano a gemer  
deu-lhe tremuras nas pernas,  
nem se quer poude correr.

Depois de cinco minutos  
que ele estava abismado,  
viu que aquela fumaça  
toda se tinha juntado  
formando um nevoeiro,  
cada vez mais carregado.

O pescador com aquilo  
ficou um pouco animado,  
viu bem que aquela nevoa  
que ali se tinha juntado  
se transformava num monstro  
de tamanho agigantado.

O velho morto de mêdo  
viu tudo que se passou,  
quando juntou-se a fumaça  
e quando se transformou;  
o monstro chegou a ele,  
e por este modo falou:

—Salomão!... rei dos profétas  
perdôe-me por caridade,  
jurei nunca fazer nada  
contrario a vossa ventade  
hoje sem a vossa ordem,  
me puzeram em liberdade.

O pescador animou-se  
ao monstro respondeu;  
—me diz, espirito soberbo  
que discurso é este teu  
já fazem dezoito seculos,  
que este proféta morreu,

Tú falaste em seu nome  
devido alguma memoria,  
mesmo a tua liberdade  
te trouxe a grande vitoria  
exijo em nome de Deus,  
que tú me contes essa historia.

Não é somente a historia  
de eu ter te libertado,  
tambem é este misterio  
de que estou maravilhado  
de passares tantos anos.  
n'aquele vaso trancado.

O monstro gritou dizendo  
—quem te deu a liberdade,  
para que venhas tratar-me  
com tanta brutalidade?  
por isso tens de morrer,  
te mato sem piedade.

O pescador já cismado  
tornou a lhe perguntar:  
—eu não te fiz mal nenhum!...  
porque me queres matar!?...  
eu te dei a liberdade,  
é com que queres pagar?!

Disse o monstro ao pescador  
—não podes me convencer  
como tú me libertasse  
dou licença a escolher  
a qualidade da morte,  
como pretendes morrer.

Disse o pescador a ele;  
—me matas sem ter motivo?  
o monstro lhe respondeu:  
---suspende o teu rogado  
toda arrumação eu faço,  
mas não para deixa-lo vivo.

O pescador soluçando  
desta forma se maldiz:  
que hora amaldiçoada!...  
como sou tão infeliz  
queres pagar com a morte,  
o beneficio que fiz.

Ai o monstro lhe disse:  
---perdes o tempo em chorar  
tua sentença de morte  
não posso mais revogar  
ouve bem por qual motivo,  
eu te pretendo matar...

Sou um espirito rebelde  
que fugi dos mausoleus,  
fui contrario a Salomão  
grande proféta de Deus:  
do inferno fui tangido,  
não tive entrada nos céus...



Fui eu que sai perdendo  
em toda situação,  
o meu companheiro Sacar  
fez parte desta questão  
fomos levados a presença,  
do proféta Salomão.

Este proféta de Deus  
tratou-me sem piedade,  
prometeu dar-me um castigo  
para toda eternidade  
por eu ter quebrado a jura,  
da sua fidelidade . . .

Ele mandou vir um vaso  
aquele que te mostrei,  
fez nele um pequeno furo  
e com a palavra de rei  
me disse entre no vaso,  
eu fui ogridado, entrei.

Internou-me neste vaso  
alem de pequeno escuro,  
fechando aquela abertura  
com um metal muito duro  
botou um sêlo por cima,  
p'ra me deixar bem seguro.

Para que eu não pudesse  
fugir daquela prisão,  
sobre o sêlo do proféta  
se lia com distinção  
o grande nome de Deus,  
escrito por Salomão.

O proféta Salomão  
procurava se vingar,  
mandou vir um dos seus genios  
deu ordem a me castigar  
entregando o vaso a ele,  
para sacudir-me no mar.

O genio se interessava  
fazer a prisão segura,  
voou-me sem piedade  
de uma monstruosa altura  
num mar revoltado que tinha,  
tres mil metros de fundura.

Senti o vaso descendo  
para o abismo profundo,  
bateu sobre a tona d'agua  
precipitou-se no fundo  
tomei aquele castigo,  
por despedida do mundo! . . .

O vaso caiu num sitio  
escuro e desconhecido,  
fiquei naquele lugar  
por todo mundo esquecido  
na mesma situação,  
de quem já tinha morrido.

Depois de cinquenta anos  
que estava na escuridão,  
jurei dar grande riqueza  
a qualquer feliz cristão  
que antes do fim do seculo,  
me tirasse da prisão . . .

Mas isto é impossível  
quem podia advinhar,  
que eu estava preso num vaso  
dentro do fundo do mar!...  
assim passaram cem anos,  
e eu no mesmo lugar.

No principio deste seculo  
jurei com fidelidade,  
fazer um grande monarca  
de mais alta autoridade  
a qualquer homem da plebe,  
que me desse a liberdade.

Porém a sorte fugiu-me  
não pude achar um amigo,  
que por obra do acaso  
pudesse encontrar comigo!...  
findou-se o segundo seculo,  
e eu no mesmo castigo...

Depois de trezentos anos  
pegou a onda arrastar,  
tirando o vaso do canto  
botando em outro lugar  
até que um dia deixou-me  
perto da beira do mar.

Eu não suportava mais  
tamanha barbaridade,  
amaldiçoei meu nome  
para toda eternidade  
e jurei matar a pessoa,  
que me desse a liberdade!...

Nas condições que me achava  
não me convinha existir,  
prestei o meu juramento  
agora hei de cumprir  
a boa jura perdeu-se,  
a ruim vem me servir.

Quando o monstro terminou  
toda sua narração;  
disse para o pescador:  
—prestasses bem atenção?  
vês bem que p'ra tua vida,  
nunca pode haver perdão.

Eu te contei esta historia  
para bem te convencer,  
jurei tirar-te a vida  
não posso mais suspender  
já está passando da hora,  
te apronta para morrer.

Vendo o pescador que o monstro  
queria sempre mata-lo,  
não sabia mais de um geito  
com que pudesse abrandá-lo  
formulou uma cilada,  
ver se podia enganá-lo.

O pescador disse a ele:  
—tú és um monstro orgulhoso,  
o teu mau procedimento  
eu acho até vergonhoso,  
alem de seres malvado,  
és um fino mentiroso.



Estas palavras do velho  
quando o monstro foi ouvindo  
foi logo lhe perguntando  
já com os dentes rangindo:  
---me diz qual foi o lugar,  
onde me visse mentindo?!  
!

O pescador respondeu:  
---eu tenho necessidade,  
de propalar tua vida  
a tua imoralidade  
provando que a tua historia,  
nunca pode ser verdade.

O pescador nesta hora  
mostrou-se muito animado,  
de ver diante de si  
aquele monstro enraivado  
viu logo que tinha feito  
um plano muito acertado.

Ai lhe disse de novo:  
---te desminto e não me acanho  
se abrires questão comigo  
tenho certeza que ganho  
como saiu deste vaso,  
um monstro do teu tamanho?!  
!

Essa tua historia toda  
faz de conta que sonhei,  
de entrares naquele vaso  
isso nunca acreditei  
se entrares na minha vista,  
assim acreditarei.

O monstro olhou dizendo  
com toda perversidade:  
---vou te mostrar um exemplo  
sem usar da falsidade;  
cortarei tua cabeça,  
quando provar-te a verdade.

Deu o vaso ao pescador  
e disse: preste atenção;  
quando o pescador ouviu  
aquela enorme explosão  
virou-se o monstro em fumaça,  
do espaço até o chão

O pescador teve medo  
de um modo sempre animado  
porque, na primeira vez  
ele tinha reparado  
ficou atento esperando,  
para ver o resultado.

O pescador reparando  
tudo quanto o monstro fez,  
transformou-se em sua vista  
com a maior rapidez  
e depois entrou no vaso,  
como da primeira vez.

Depois que ele entrou no vaso  
mostrou que tinha razão,  
disse logo ao pescador:  
---você perdeu na questão  
me diz pescador incrédulo  
se me acredita ou não.



O velho neste momento  
empregou todo cuidado,  
se havia de responder;  
ficou um instante calado  
que quando o monstro deu fé,  
o vaso estava fechado.

O velho fechou o vaso  
sem o monstro presentir,  
perêm ainda cismado  
que ele pudesse abrir  
pregou-lhe o selo por cima,  
para o monstro não sair.

Quando o monstro conheceu  
que o vaso estava fechado,  
disse num urro medonho:  
—oh pescador condenado!?...  
quando eu sair deste vaso,  
dou-te um doce assucarado.

Disse o pescador a ele:  
—tú agora hás de saber,  
quanto é bom se matar outro  
sem culpa nenhuma ter;  
p'ra me pagar o que deves,  
te apronta para morrer.

O monstro disse p'ra ele:  
—sempre fui teu camarada;  
não queiras me castigar  
pois não lhe ofendi em nada  
as asneiras que lhe disse,  
foi tuas por caçoada.

O monstro ainda lhe disse:  
---preste-me toda atenção,  
leve os peixes p'ra cidade  
venda eles ao sultão  
pois quando ele ver os peixes,  
fica morto de ambição,...

Quando voares o lance  
empregue todo cuidado,  
na rede vem quatro peixes;  
não fiques admirado  
vem um azul e um branco,  
um preto e outro encarnado...

Tudo quanto eu já lhe disse  
você bem compreendeu,  
se sair mal na empresa  
o culpado não fui eu  
findando o monstro as palavras,  
ali desapareceu.

Ficou o velho sosinho  
olhando o lago sombrio,  
que mostrava no inverno  
como no tempo de estio  
umas ondas tão revoltas,  
do mais caudaloso rio.

Disse o pescador consigo:  
---vou logo experimentar,  
se o monstro fala a verdade  
ou se me quer enganar  
atirou a rede n'agua,  
começou logo a puxar,

Quando a rêde chegou fóra  
ele estava impaciente,  
viu que tinha quatro peixes  
cada qual mais excelente  
o velho ficou pasmado,  
quasi morto de contente.

Ele ai pegou nos peixes  
tirou com muito cuidado,  
viu que estava do geito  
que o monstro tinha avisado  
tinha um azul e um branco.  
um preto e outro encarnado.

Disse o velho : nunca vi  
peixe dessa qualidade,  
vou ver se faço com ele  
a minha felicidade  
d'ali seguiu apressado,  
foi vende-lo na cidade.

Aonde o velho passava  
diziam por ambição :  
—os peixes são p'ra negocio ?  
respondia o velho : não  
estes peixes estão vendidos  
ao palacio do sultão.

Chegou o velho em palacio  
cada vez mais animado,  
foi no portão do jardim  
deu um ciu para o creado  
dando a conhecer a ele,  
que estava um pouco vexado.

O creado chegou logo  
e foi abrindo o portão,  
perguntou-lhe : tem negocio ?  
o velho disse : pois não  
trago estes quatro peixes,  
p'ra vendê-los ao sultão.

O creado disse a ele :  
—o senhor pode subir,  
embora que esta compra  
eu não possa decidir  
porêm vou participar,  
ao nosso Grão-vizir.

O Vizir olhou p'ra ele  
com muita admiração,  
quando viu os quatro peixes  
ficou com tanta ambição  
levou logo o pescador,  
a presença do Sultão.

Quando o Sultão viu os peixes  
ficou muito interessado,  
disse logo ao pescador :  
—serás bem recompensado  
deu-lhe cem peças de ouro  
apenas como um agrado.

O pobre do pescador  
quaze morre de alegria,  
porque nunca tinha visto  
tão avultada quantia  
dali saiu para casa,  
sem saber p'ra onde ia.



O pescador foi p'ra casa  
o sultão ficou vexado,  
dizendo p'ra seu Vizir  
---chame ai por um criado  
mande os peixes p'ra cosinha,  
p'ra fazer um ensopado.

O sultão disse ao Vizir :  
—quero uma cousa ligeira,  
temendo ele que o criado  
não fizesse alguma asneira  
foi ele mesmo levar,  
os peixes á consinheira.

Disse ele a consinheira  
p'ra melhor recomendar:  
---pegue estes quatro peixes  
que o sultão manda fritar  
faça o melhor que puder,  
p'ra ele não reclamar.

Ela interessou-se muito  
pela recomendação,  
depois dos peixinhos prontos  
como mandava o sultão  
botou-os na caçarola,  
e levou-os para o fogão.

Assim que a caçarola  
principiou a ferver,  
a consinheira foi vendo  
o palacio estremecer  
com um sussurro medonho,  
que a terra chegou tremer.

Escutou ela o sussurro  
para ver de onde vinha,  
quando abriu-se de repente  
a muralha da cosinha  
saiu de dentro uma jovem,  
com o trage de rainha.

Toda vestida de sêda  
com estufos de setim,  
com braselêtes de ouro  
guarnecido de rubim  
de um porte tão elegante,  
nunca se viu outra assim.

Usava um colar de perolas  
com o seu monograma escrito,  
aneis com lindas turquêzas  
quase da côr de granito  
com um boquet de flôr no peito  
fabricado no Egito.

A consinheira assombrada  
de pavor e comoção,  
olhava p'ra aquela jovem  
prestando toda atenção  
viu bem que ela trazia,  
uma varinha na mão.

A Jovem desconhecida  
para o fogão caminhou,  
nos peixes da caçarola  
com a varinha tocou  
depois de olhar para os peixes,  
deste modo perguntou.

—Peixes que a sorte despreza  
venho aqui para saber,  
não precisa falar todos  
basta só um me dizer  
se assim nestas condições,  
cumpriste o vosso dever?

Um peixe lhe respondeu :  
—se contares, nós contamos,  
se pagares vossas dividas  
as nossas também pagamos  
se fugires nós vencemos,  
e mais contentes ficamos.

O peixe disse as palavras  
num instante se calou,  
n'aquilo abriu-se a muralha  
depressa a jovem entrou  
não ficando um só vestigio,  
no lugar qu'ela passou.

A cosinheira que estava  
recostada no fogão,  
do medo que tinha tido  
na fatal ocasião  
quando se lembrou dos peixes  
tinha virado em carvão.

Quando a cosinheira viu  
o peixe todo queimado,  
deu um grito muito feio  
de quem viu malassombrado  
devido o peixe ter sido,  
por demais recomendado.

Diz ela : ninguem dar crença  
nisto que me aconteceu,  
o peixe recomendado  
na caçarola se ardeu  
depois de averiguado,  
a mentirosa sou eu.

Dizia ela chorando :  
—não sei que será de mim !...  
pois o sultão meu senhor  
para nós nunca foi ruim  
mas vendo os peixes queimados,  
é capaz da dar-me fim !

O vizir na sua luta  
estava sempre lembrado,  
sabendo que o Sultão  
inda não tinha jantado  
foi depressa á cozinha,  
ver se ela tinha aprontado.

Quando chegou na cosinha  
quase que perde a razão,  
viu dentro da caçarola  
o peixe todo em carvão  
a cosinheira chorando,  
recostada no fogão.

O vizir por sua vez  
mostrou-se muito vexado,  
ia saber do motivo  
que o jantar foi demorado  
em vez de encontra-lo pronto,  
achou o peixe queimado.



A cozinheira contou-lhe tudo quanto se passou, ele não deu tanta crença mas não desacreditou disse a ela: eu vou a côrte, para ver que geito dou.

O vizir foi para a côrte disse a ela que esperasse, uns dez ou quinze minutos enquanto ele voltasse; mas ele ia cismado sem saber o que contasse.

Disse ele ao sultão; --me acho um pouco nervoso, vou contar-lhe a narrativa de um grande assunto assombroso deu-se agora na cosinha, um caso misterioso.

Disse ele: o caso passou-se dessa e d'aquela maneira, para não demorar muito fez a historia ligeira dizendo tudo ao sultão o que lhe disse a cosinheira.

O sultão ficou pasmado foi logo lhe respondendo: ---essa historia não é certa assim está me parecendo misterio dessa maneira, eu só acredito vendo.

Disse o sultão: me parece que vi como se passou, de que forma a cosinheira dos peixes se descuidou inda ela queimando os peixes, não vai dizer que queimou.

Ele ai disse ao vizir: ---pela minha opinião. isso só foi muito fogo que ela botou no fogão eu amanhã saberei, se isso é verdade ou não.

O sultão disse ao vizir: ---o senhor tome cuidado de dizer ao pescador que ele fica obrigado vir falar hoje comigo, na corte do meu reinado.

O vizir tambem cismado lhe respondeu: sim senhor, dali seguiu sem demora procurando um portador mandou por ele um recado, na casa do pescador.

O pescador espantou-se temendo aquele chamado, teve vontade de não ir porém como era obrigado seguiu naquele momento, para a côrte do reinado.

Quando ele chegou na côrte  
o sultão lhe recebeu,  
e foi lhe dizendo logo:  
—quem mandou chamar fui eu  
p'ra me arranjar quatro peixes  
iguais aos que me vendeu.

Disse o velho: sim senhor  
irei amanhã pescar,  
como são só quatro peixes  
não é difícil arranjar  
só não chegarei com eles,  
se eu não pudér pegar.

O velho voltou p'ro lago  
um pouco sobresaltado,  
chegou vuou logo a rede  
como era acostumado  
vieram os quatro peixinhos,  
que estava determinado.

Guardou ele os quatro peixes  
com muita satisfação,  
pois sabia que com eles  
talvez ganhasse um braço  
foi leva-los sem demora,  
no palacio do Sultão.

O Sultão pegou nos peixes  
chamou o seu Grão-Vizir,  
dizendo-lhe: hoje é o dia  
da questão se decidir  
os misterios da cosinha,  
eu tambem vou assistir.

Foi o Sultão p'ra cosinha.  
O vizir lhe acompanhou,  
o sultão levou os peixes  
de mais ninguem confiou  
não deu mais á cosinheira,  
ele mesmo consertou.

E depois dos peixes prontos  
pegou com a propria mão,  
botou-os na caçarola  
e levou-os para o fogão  
botou-lhe fogo a vontade,  
prestando toda atenção.

Assim que a caçarola  
principiou a ferver,  
de novo abriu-se a muralha  
viram um prêto aparecer  
dizendo: não sou mulher,  
não tenho de quem temer.

Virando-se para o sultão  
que estava junto ao vizir,  
dizendo: hoje é o dia  
da questão se decidir!...  
quem se julga poderoso,  
procure a me reagir.

Não se sabe explicar  
como ficou o sultão,  
olhava para aquele monstro  
prestando toda atenção  
viu que o prêto trazia,  
um cipó verde na mão.



Era um negro exquesito  
trajava roupão de gola,  
com um cinturão bem largo  
e umas perneiras de sola  
foi olhar os quatro peixes,  
que tinha na caçarola.

Olhou os peixes e disse:  
---eu também quero saber,  
acho bom que um me fale  
ao menos p'ra me dizer  
se assim nestas condições,  
cumpriste o vosso dever,

Dos peixes da caçarola  
lhe respondeu o maior;  
---tua vida de misterio  
eu conheço ela de cór  
e se soubesses o que sei,  
chorando estava melhor.

O negro ainda falou  
com a vóz de furacão.  
agarrou a caçarola  
rebolou-a sobre o chão  
transformou os quatro peixes,  
num bocado de carvão.

Deu mais uma vira volta  
que o castelo abalou,  
depois deste vai e vem  
o muro abriu e fechou  
não puderam ver o negro,  
a direção que tomou.

O sultão que estava imóvel  
pelo medo congelado,  
olhou para o seu vizir  
e disse muito cançado  
---estou de veras nervoso,  
e muito impressionado...

Hoje considero morta  
a minha felicidade,  
de onde eu não esperava  
surgiu a fatalidade  
sepultando pôr completo,  
a minha tranquilidade...

Isto que passou-se agora  
outra pessoa não crêr,  
parece que foi mandado  
somente para eu ver  
está visto que bôa cousa,  
não me vem acontecer.

E disse para seu vizir;  
---procure um bom portador,  
ajuste logo a viagem  
seja lá por quanto for  
p'ra ele ir a toda pressa,  
na casa do pescador.

O vizir mandou um homem  
levar aquele recado,  
o pescador já sabia  
que aquilo era obrigado  
em menos de duas horas,  
estava ele no reinado.

O velho nada sabia  
de tudo que se passou,  
quando ele entrou na côrte  
o sultão lhe perguntou :  
—os peixes que me vendeu,  
aonde foi que pegou?

O pescador nesta hora  
considerou-se enrascado,  
porém logo ao pé da letra  
respondeu muito vexado :  
—num lago que tem aqui,  
muito perto do reinado.

O sultão mandou chamar  
os empregados que havia,  
perguntou a todos eles  
p'ra ver se algum conhecia  
este lago nunca visto,  
que o pescador dizia.

Depois que juntou-se tudo  
o sultão foi perguntar,  
diziam por uma bôca :  
—não se pode acreditar  
um lago perto do reino,  
nós nunca havíamos falar.

O sultão disse ao velho :  
—eu também não tenho fé  
aqui perto do reinado  
não tem rio, nem maré ;  
o senhor tem de mostrar,  
este lago aonde é.

O pescador respondeu  
---pode crêr no.que eu disser,  
a culpa recairá  
por cima de quem tiver  
eu irei mostrar o lago,  
no momento que quizer.

O sultão mandou a ordem  
que juntasse um esquadrão,  
com quatro metralhadoras  
e tres peças de canhão  
d'ali foi tudo p'ro lago,  
com aquilo puchado a mão.

Com muito boa vontade  
tudo aquilo se fazia ;  
p'ra eles não tinha peso  
as peças de artilharia  
marchava o sultão na frente,  
e o pescador era o guia.

Disse o pescador adiante :  
---no caso que possa ser,  
vamos andar mais dépressa  
é esse meu parecer  
para chegarmos no lago,  
antes de anoitecer.

Subiram numa montanha  
porem num alto rojão,  
na descambada avistaram  
aquela vasta amplidão  
que de longe parecia,  
os baixios do sertão.



A estrada era boa  
porém tinha muita areia,  
todos eles já pensavam  
que estavam em terra alheia  
chegaram a beira do lago  
as quatro horas e meia.

O sultão chegou no lago  
mostrou logo a sua gente,  
aquela agua cristalina  
alem disso transparente  
os peixinhos coloridos,  
cada qual mais excelente.

Disse ele aos cortezões:  
—eu já me certifiquei;  
o que o pescador me disse  
em tudo já acreditei  
estes peixes são iguaes,  
aos outros que eu comprei.

Respondeu-lhe um cortezão:  
---me desculpe magestade,  
tenho setenta e tres anos  
já não é tão pouca idade  
mas nunca vi este lago  
tão perto assim da cidade.

Nem mesmo este povo antigo  
deste lago não sabia,  
nem as grandes caravanas  
que passam por travessia,  
fóra deste pescador,  
ninguem mais o conhecia.

O sultão cada vez mais  
tornava-se impaciente,  
vendo as cousas naturaes  
tornar-se tão diferente  
falou com o seu vizir,  
muito particularmente.

Disse ele ao seu vizir  
---não sei o que hei de fazer;  
aquele preto que vi  
que não posso me esquecer  
tenho máu presentimento,  
do que vai acontecer.

Disse o vizir; estas cousas  
não convem se comentar,  
o sultão lhe respondeu:  
—quem já via peixe falar?!...  
inda posso ter socêgo,  
quando me desenganar.

Chamei-o em particular  
somente p'ra lhe dizer,  
que vou sair pelo mundo  
só volto se conhecer  
o nêgro, o lago e os peixes,  
tudo isto o que quer dizer.

Lhe darei todas as ordens  
antes de me retirar,  
empregue o maior cuidado  
no modo de governar  
não deixe o lago sosinho,  
até quando eu voltar.

O sultão por despedida  
inda tornou a dizer :  
—essa viagem que faço  
não é p'ra ninguém saber  
me guarde este silencio,  
do modo que poder ser.

Quando algum dos cortezões  
vier por mim perguntar,  
responda que estou dormindo  
não quero me incomodar  
e assim vamos passando,  
até quando eu voltar.

Quando o vizir conheceu  
que o sultão se despedia,  
vendo naquele reinado  
a falta que ele fazia  
foi lhe fazer um pedido,  
para ver se ele atendia.

Lhe disse : ó rei meu senhor  
não seja precipitado,  
desvendamos este misterio  
de um modo mais bem pensado,  
rei meu senhor indo embora,  
com quem fica o seu reinado ?

O sultão nem deu resposta  
porem nessa mesma hora,  
disse para seu vizir :  
eu não posso ter demora  
botou a espada na cinta,  
despediu-se foi embora.

O sultão seguiu sosinho  
não quiz levar companhia,  
passou a noite no mato  
e quando amanheceu o dia  
saiu pelo mato a dentro,  
sem saber por onde ia.

Dizia ele comsigo :  
—prefiro antes morrer,  
de que voltar para a côrte  
sem de nada conhecer  
o negro e aqueles peixes.  
o que é que vem a ser.

N'aquela resolução  
foi obrigado a seguir,  
subindo e descendo serras  
sem poder mais resistir  
só em pensar no misterio,  
nunca mais pode dormir.

No outro dia, de tarde  
viu com admiração,  
no meio da mata escura  
içava-se um pavilhão  
saindo de um semi-circulo,  
de grande carramanchão.

Ele vendo aquele vulto  
ficou um pouco cismado,  
mas depois de conhecer  
que aquilo era um sobrado  
ele julgava que fosse,  
o castelo de um reinado.



Era um palacio rico  
com um belo ornamento fino,  
coberto com aço dôce  
ferrado de metal de sino  
feito de marmore prêto,  
de um sistema byzantino.

Ele da sua morada  
já se achava muito alem,  
de vêr alguma pessoa  
se interessava tambem  
andou em roda do palacio,  
mas não encontrou ninguem.

Depois viu uma porta aberta ;  
diz ele ; o que faço eu ? ! . . .  
chegou-se p'ra perto dela  
com muita força bateu  
zuou em todo castelo,  
mas ninguem lhe respondeu.

Ele observou da porta  
um salão bem mobiliado,  
disse ele ; agora eu entro  
porque estou muito cansado  
embora depois de tudo,  
me veja prejudicado.

Confiado em seu poder  
determinou-se a entrar,  
depois que entrou no salão  
que pegou a reparar  
viu tanta cousa bonita,  
que não quiz mais se sentar.

Ele reparava tudo  
e comsigo dizia assim :  
—um castelo como este  
só estava bom para mim  
foi sentar-se em um gabinete,  
que olhava para o jardim.

Faziam uns cinco minutos  
que ele estava acentado,  
quando de repente ouviu  
os gritos de um desgraçado  
com uma exclamação tão grande,  
que ficou quaze assombrado.

para ouvir mais de perto  
foi sentar-se no jardim,  
dizia ele ; quem grita ? ! . . .  
será com raiva de mim ?  
depois viu que o miseravel,  
chorava dizendo assim :

---Oh ! destino adversario ! . . .  
não me consentes gosar,  
o meu ditoso futuro  
que Deus prometeu-me dar  
abrandai meu sofrimento,  
tendes dó do meu penar ! . . .

Quem procede assim comigo  
desconhece humanidade,  
não há quem possa dar geito  
a tanta barbaridade ! . . .  
me sacudiram nas garras,  
da negra fatalidade ! . . .

Meu corpo já não suporta  
tanto penar e sofrer,  
sofrendo desta maneira  
eu não desejo viver  
quem vive em taes condições,  
antes mil vezes morrer! . . .

Vivo neste esquecimento  
leprozo, nojento, imundo,  
metido nestes andrajos  
peor que um vagabundo  
eu sou entre as creaturas,  
o mais infeliz do mundo.

Aquele grande misterio  
cada vez se complicava,  
ele já penalizado  
deste infeliz que chorava  
saiu percorrendo as salas,  
para ver se encontrava.

Andou por todas as salas  
já quase desenganado,  
depois saiu num salão  
e observou de um lado  
tinha um moço em pé num canto,  
com o rosto de um finado.

Ele estava sobre um trono  
a pouco altura do chão,  
magro, triste e amarelo  
trajava um curto roupão  
denunciava os suplicios,  
dos tempos da inquisição.

O sultão saudou o moço  
muito respeitosamente,  
viu logo que ele era  
de uma familia excelente  
se não fosse um magistrado,  
partia de boa gente.

O moço correspondeu-lhe  
com o respeito devido,  
dizendo: eu peço desculpa  
deste erro cometido  
em eu não cumprimenta-lo,  
como lhe é merecido.

Ergueu sua vestimenta  
e disse para o sultão;  
—olhe bem p'ra meu estado  
ele prestou atenção  
era de ferro maciço,  
da cintura até o chão.

Quando o Sultão viu aquilo  
logo imaginou comsigo;  
o negocio vai sair,  
do mesmo geito que eu digo  
este mancebo encantado,  
inda vem bolir comigo.

O sultão vendo o mancêbo  
em ferro já transformado,  
depressa lhe perguntou  
porém medroso e cismado:  
—que crime tem o senhor?  
para viver neste estado?!



Como estava impaciente  
lhe disse assim o sultão:  
—me diga por qual motivo  
vive assim nesta aflição,  
talvez eu possa dar jeito,  
tira-lo desta prisão.

Lhe respondeu o mancêbo  
---remedio eu nunca hei de ter  
nêstes quatro ou cinco dias  
tenho por certo, morrer  
mesmo minha historia é longa,  
não lhe convem a saber.

O sultão disse ao mancêbo:  
---não, basta o que já sofreu;  
pode contar sua historia  
de tudo quanto se deu  
juro que sua vingança  
quem vai toma-la sou eu.

Disse o mancêbo ao sultão  
---vossa promessa eu aceito---  
relatarei meu passado  
com o divino respeito  
principiou sua historia,  
mais ou menos desse jeito:

---Sabereis senhor amigo  
o meu pai foi um sultão,  
o dono das ilhas prêtas  
chefe d'aquela nação  
que há tempo foi destruida,  
pela criminosa mão...

Antes dele falecer  
chamou-me um dia a seu lado,  
me orientando em tudo  
conhecendo o seu estado  
quando faleceu, deixou-me,  
como sultão do reinado...

Eu era quase um menino  
mas sabia governar,  
depois me deram um conselho  
que eu devia me casar  
porêm o tal casamento,  
bem caro veio me custar...

Me arranjaram um casamento  
que virou n'uma esparrela,  
a moça que me trouxeram  
era uma jovem donzela  
eu era além disso tudo,  
primo legitimo dela...

Inda fiquei mais alegre  
pelo meu merecimento,  
minha prima era uma jovem  
de um belo comportamento  
tive um grande regosijo,  
com este meu casamento...

Eu vivia no reinado  
era uma vida de gloria,  
algumas destas passagens  
eu conservei na memoria  
lhe peço toda atenção,  
p'ra ouvir o fim da historia.

Com dez dias de casado  
parece que foi castigo,  
o que se deu em palacio  
eu inda morto não digo  
a minha prima e esposa,  
esta ficou mal comigo . . .

P'ra tomar sua vingança  
tornou-se uma traíçoeira,  
arranjava as escondidas  
um copo de dormideira  
eu bebia de tardinha,  
p'ra dormir a noite inteira.

Quando eu pegava no sono  
ela vinha reparar,  
depois saia sosinha  
pelo mundo a passeiar  
pelas cinco horas da manhã,  
é quando vinha chegar.

Eu já cismado de tudo  
fiz como quem não sabia,  
botei a bebida fóra  
me fingindo que bebia  
fiz que estava dormindo,  
para saber o que havia . . .

Eu fingindo que dormia  
ela veio me escutou,  
vendo que eu estava dormindo  
num instante se aprontou;  
e disse: dorme pateta! . . .  
sem tua licença eu vou . . .

Eu quase sem paciencia  
a tudo isto assisti  
da cama descii ligeiro  
num momento me vesti  
botei na cinta um alfange  
e no rasto dela segui.

Eu casei com esta prima  
porem não a conhecia,  
ela passou quinze anos  
estudando bruxaria  
arranjava o que quizesse,  
por meio da feitiçaria . . .

Andei cuidadosamente  
num andar bem compassado,  
de forma que ela não visse  
por onde eu tinha passado  
eu presenciava tudo,  
e andava sempre atrazado . . .

Seguiu por uma avenida  
sem receio nem cauté-la,  
eu que andava ocultamente  
porem sempre ao lado dela  
vi bem um preto africano,  
quando hobreou-se com ela . . .

A ira cresceu-me tanto  
que eu já não me dominava,  
fiz das tripas coração  
para ver se suportava  
ao menos p'ra divulgar,  
o que o preto conversava . . .



Foram d'aquela avenida  
passeiar n'outro jardim,  
sairam de braços dados  
eu vi, não fiquei em mim  
embosquei o africano,  
p'ra vêr se dava-lhe fim...

Acostei-me a uma roseira  
que tinha no pé do muro,  
além de passarem perto  
era um lugar bem escuro  
dali era muito facil,  
eu dar-lhe um golpe seguro.

Fiquei naquele lugar  
e vi quando ele passou,  
vinha com ela de braço  
quando mais perto chegou  
dei-lhe um golpe com o alfange,  
que o preto deslocou...

O preto caiu dizendo:  
—saiu caro este namôro!  
diz ela; estás degolado?!...  
falou com cara de choro  
teu pescôço está pegado,  
somente no cabelouro!...

Disse ela ao moribundo  
—tanto que eu sou prevenida!...  
porem agradeço isto  
a mão da fêra homicida  
usarei os meus encantos,  
p'ra ver se te salvo a vida...

Ela olhou para o prêto  
que quase não se bolia,  
fez ali mais que depressa  
uma certa bruxaria  
quando acabou garantiu-lhe,  
que o prêto não morria...

Eu dei o golpe no prêto  
depressa me ocultei,  
fui correndo até em casa  
chegando me agasalhei  
por isso ela não sabia,  
nem siquer, se me acordei...

Ela pegou este prêto  
toda em pranto banhada,  
botou-o num lugar seguro  
que não lhe faltasse nada  
foi p'ra casa agasalhar-se,  
as quatro da madrugada...

Eu fiz que estava dormindo  
quando vi ela chegar,  
num momento abriu a porta  
mas não se ouvia pizar  
fez que amanheceu dormindo,  
p'ra eu não desconfiar...

Quando amanheceu o dia  
eu me fiz bem deslembrado,  
dando as ordens no palacio  
como era acostumado  
porêm notei que ela estava,  
com o semblante mudado...

No outro dia seguinte  
ela mandou costurar,  
cinco ou seis vestidos pretos  
sem nada me participar  
vestiu-se toda de luto,  
e veio se apresentar.

Chegando, falou-me assim  
com presunção e vaidade :  
—meu luto não admira  
sua real magestade  
e sabendo o que passou-se,  
não acha ser novidade.

Eu perguntei a sultana :  
—que foi que lhe aconteceu ?  
ela cheia de cinismo  
chorando me respondeu :  
—tive carta neste instante,  
que o sultão, meu pae morreu !...

Eu achei conveniente  
ela me participar,  
procurando aquele meio  
para se justificar  
como eu estava sem geito,  
fui obrigado a assinar ...

Ela resmungou dizendo ;  
desgraçou-se o meu futuro !...  
mais tarde serei vingada  
em nome de Deus eu juro  
foi chorar um ano inteiro,  
trancada num quarto escuro ...

Ela assim passou um ano  
n'aquela horrendo sofrer :  
não ia fóra no quarto  
nem sequer para comer  
lançava uma vez por dia,  
somente p'ra não morrer ...

Um dia eu fui visita-la  
encontrei-a lastimando :  
—nunca mais vi meu amante  
não sei como vai passando  
creio que ele não sabe,  
eu também por onde ando !...

Eu julguei, que ela do preto  
estava sem esperança,  
porem ela conservava  
o monstro em sua lembrança ;  
e contra mim se preparava,  
p'ra tomar uma vingança ...

Eu repeli a sultana  
da forma que merecia,  
ela gritou me dizendo :  
—quem te deu tanta ousadia ?...  
tù és culpado de tudo,  
julgavas que eu não sabia ? ...

Eu puxei pelo alfange  
p'ra corta-la pelo meio,  
ela se fingiu alegre  
e disse não tenho receio  
porque penso que um sultão,  
não faz um papel tão feio ...



Neste tempo em que passou-se  
aquela cena imoral,  
tudo isto aqui era um ermo  
coberto de matagal  
e o terreno pertencia,  
a família imperial...

Eu já estava bem ciente  
que a minha prima sultana,  
era além de feiticeira  
uma bruxa deshumana  
desta vez saiu de casa  
passou mais de uma semana...

Durante aquela semana  
fiz tudo quanto queria:  
empregando toda força  
na arte da bruxaria  
construiu este palacio,  
em menos de meio dia...

Depois do palacio pronto  
ela veio me convidar,  
se fingindo satisfeita  
para irmos passeiar  
eu que de nada sabia,  
não fiz questão de aceitar...

Saiu comigo a passeio  
na tarde do mesmo dia,  
atravessando uma floresta  
no pé de uma serrania  
veio sair no castelo,  
como quem não conhecia...

Quando avistou o castelo  
falou-me assim com desdem:  
—fulano aquele palacio  
não foi visto por ninguém  
vamos lá pertinho dele,  
para ver se mora alguém...

Eu aceitei o convite  
porque não tinha maldade,  
ela ficou muito alegre  
pois tinha muita vontade  
de tomar sua vingança,  
por meio da falsidade...

Entramos pelo castelo  
numa sala mobiliada,  
ela seguia na frente  
como quem estava vexada  
eu pensei que tudo aquilo,  
não queria dizer nada...

Quando chegamos aqui  
neste lugar que estaes vendo,  
ela virou-se p'ra mim  
zangada foi me dizendo:  
—hás de pagar muito caro,  
os males que estou sofrendo...

Fez um certo resmungado  
e com raiva me contéplou,  
aquele grande misterio  
não sei como se passou  
sei que fiquei depois disso,  
assim do geito que estou...

Depois que deixou-me assim  
foi buscar o namorado,  
trouxe ele para aqui  
p'ra esse mesmo sobrado  
ele está num gabinete,  
que fica do outro lado...

Repare bem, meu amigo  
a minha situação!...  
ela vem diariamente  
com um nervo de boi na mão  
dá-me cinquenta lapadas,  
meu sangue corre no chão...

Toda essa barbaridade  
não acha suficiente,  
depois me deixa enrolado  
no couro de uma serpente  
para mais mofar de mim,  
me diz que assim estar decente!...

Já tenho apanhado tanto  
que faz vergonha dizer,  
só me traz como alimento  
água e pão para comer  
por isso eu tenho a certeza,  
de em poucos dias morrer...

Ainda não satisfeita  
de tanta barbaridade,  
saciando os seus caprichos  
da criminosa vontade  
em menos de dez minutos,  
destruiu minha cidade...

Fez das praças um grande lago  
o senhor conhece bem;  
das ilhas fez quatro oiteiros  
que se avista muito além  
fez dos habitante peixes,  
e soltou no lago também...

Os peixes de quatro cores  
de modo assim diferente:  
te digo, não tenha medo  
são quatro classes de gente  
que vivem naquele lago,  
pagando por inocente!...

Os vermelhos são os Perças  
devido a religião,  
os brancos são Mulsumanos  
o peixe azul é cristão  
são judeus os amarelos,  
filho de outra nação...

Eu março por este mundo  
inteiramente perdido,  
meu corpo virado em ferro  
meu imperio destruido  
se havia de estar assim,  
antes tivesse morrido...

A jovem que o senhor viu  
com a varinha na mão,  
que saiu de sua parede  
recostou-se no fogão  
e conversou com os peixes,  
é minha esposa, pois não...



Aquele prêto que viste  
já pela segunda vez,  
que saiu do pé do muro,  
fazendo o que a jovem fez  
virando os peixes em carvão,  
com a maior rapidez...

É justamente este preto  
de que eu tenho falado,  
dei-lhe um golpe tão certo  
deixei-o inutilizado  
reside aqui neste prédio,  
porém naquele outro lado...

Quando ela passa aqui  
que me deixa ensanguentado,  
vae diréto onde está ele  
o prêto seu namorado  
acaricia o mais que pode,  
mas ele sempre calado...

Há tempo ela procura  
mas nunca pode encontrar,  
um charlatão curiôso  
que lhe pudesse arranjar  
um remedio que fizesse,  
aquele prêto falar...

Trabalhava dia e noite  
não descansava um instante,  
sujeitava-se a pagar  
uma quantia importante  
p'ra ouvir uma palavra,  
da boca do seu amante!

O sultão que escutava  
já na expectativa,  
disse, acabando de ouvir  
esta imunda narrativa:  
— uma bruxa como esta,  
não posso deixa-la viva,

Disse ele ao mancêbo:  
— faz favor de me explicar,  
de modo minucioso  
onde fica este lugar?  
todo seu padecimento,  
sou eu quem quero vingar.

Disse o mancêbo: agradeço  
teu sacrificio por mim,  
te peço, tenha cuidado  
senão ela dar-me fim  
não vá mata-la a traição  
p'ra eu não ficar assim...

O sultão lhe respondeu:  
— não serei tão inocente,  
eu quero é desencanta-lo  
e provar-lhe unicamente  
que o senhor inda vai sêr,  
o que era antigamente.

Tornou-se bastante alegre  
o tal mancêbo encantado,  
o sultão disse até logo  
e seguiu muito vexado  
para o lugar onde estava,  
o africano deitado.

Como o lugar era perto  
ele chegou num instante,  
viu logo que o preto era,  
um monstro repugnante  
e só dava sinal de vida,  
pelo olhar penetrante.

O preto assim quasi morto  
inda olhava com desdem;  
o sultão chegou p'ra perto  
certificando-se bem  
que a bruxa andava por fóra  
e ali não tinha ninguém.

Puxou pelo seu alfange  
e disse ao negro: é agora,  
pegou no fino da perna  
arrastou ele p'ra fóra  
meteu-lhe o alfange em cima,  
matou-o na mesma hora.

Disse ele bem contente;  
—o negro eu já dei fim,  
mas este negro não pode  
ficar descoberto assim  
levou ele a toda pressa,  
e sepultou no jardim.

Em menos de meia hora  
estava o negro enterrado,  
ele ai voltou ligeiro  
e depois de preparado  
deitou-se na mesma cama,  
que o negro estava deitado.

Tinha amolado o alfange  
estava bem prevenido,  
tingiu a cara de preto  
para não ser conhecido  
nesta hora estava a bruxa,  
surrando o pobre marido.

Depois que o pobre estava  
com a roupa ensanguentada,  
ela guardou o chicote  
e saiu muito vexada  
foi ver se o negro falava,  
como era acostumada.

Quando chegou no lugar  
a imunda feiticeira,  
aproximou-se da casa  
depois sentou-se na beira  
julgando que inda era o preto  
falou por esta maneira.

—Fala meu anjo querido  
ao menos p'ra consolar!...  
repara, não é de hoje  
que vivo sempre a lutar  
mas nunca achei um remedio,  
que fizesse a ti falar.

Disse ele a feiticeira:  
—que projetos são os teus?...  
assim nunca obterás  
perdão para os crimes meus:  
ninguém tem poder no mundo,  
poder só existe em Deus!



Respondeu-lhe a feiticeira :  
—quanto eu fui tão ruim!...  
se achas que eu sou culpada  
de estaes sofrendo assim  
responde querido amante,  
o que desejas de mim!

—Sim; disse ele: és culpada  
de padecer tanta gente,  
eu pelo menos, sou um  
que há tempo vivo doente  
por causa do teu marido,  
que sofre por inocente...

Iludiste o teu marido  
por meio de falsidade,  
não satisfeita em trata-lo  
com tanta barbaridade  
devoraste os bens dele,  
o imperio e a cidade!...

Nunca houve quem fizesse  
aquilo que Deus não quiz,  
eu pelejei muitos anos  
estou assim, mas nunca fiz  
por este motivo justo,  
não podemos ser feliz...

Para que eu inda possa  
ficar restabelecido,  
é necessario tú ires  
libertar o teu marido  
desencantando o imperio,  
como d'antes tinha sido...

Esta caridade a ele  
eu não fiz porque não pude,  
para eu ser quem já fui  
não precisa que me ajude  
quando ele for quem já foi,  
eu tambem terei saude!

Disse ela, me perdôa  
por tanta barbaridade...  
se tiver sua saude  
sujeita a minha vontade  
eu vou já no quarto dele,  
para dar a liberdade.

Disse isso e correu logo  
p'ra onde estava o marido,  
chegou lá transformou ele  
no principe que tinha sido,  
dizendo; agradeça isto,  
a quem me fez o pedido.

Assim que o principe se viu  
da forma que desejava,  
deu uma grande carreira  
que o mato abria e fechava  
pensando que a feiticeira,  
ainda lhe procurava.

Dali foi ela p'ro lago  
onde tinha se acampado,  
chegou meteu a mão n'agua  
fez um certo resmungado  
deixando a linda cidade,  
no seu primitivo estado.

Depois que ela fez isto  
disse por toda a cidade;  
se fiz este beneficio  
não foi por minha vontade  
foi para salvar um ente.  
que tanto tenho amisade,

Ficaram todos contentes  
por terem se libertado,  
ficou tambem o imperio  
novamente organizado  
faltava o rei que era o principe  
o tal mancebo encantado.

Depois que já tinha feito  
tudo que o preto mandou,  
estava muito longe dele  
mas num instante voltou  
julgando que era o preto,  
a ele se apresentou.

Quando chegou foi dizendo:  
---pronto meu anjo querido,  
fiz tudo quanto mandaste  
libertei o meu marido  
reconstrui o imperio,  
como dantes tinha sido.

Quando ele avistou ela  
sorria de tão contente,  
e lhe disse: há quantos tempos  
eu me acho aqui doente  
porém com esta noticia,  
eu fiquei bom de repente.

Disse ele: da-me um abraço  
aquece o meu coração,  
que a tempo vive gelado  
aqui nesta solidão  
ela deu um passo a frente,  
e segurou-lhe na mão.

Pegou na mão dela e disse:  
---me ajuda amada senhora,  
comsigo mesmo dizia:  
—a melhor quadra é agora  
deu-lhe um golpe tão certo,  
tirou-lhe a cabeça fôra.

Quando ela caiu morta  
ele deu uma risada,  
e gritou com muita força:  
---morreste bruxa malvada  
fizeste tanto feitiço,  
para morrer degolada.

Saiu depressa da cama  
que estava o preto deitado,  
depois agarrou a bruxa  
levou com todo cuidado  
sepultou na mesma cova,  
que o preto estava enterrado.

Dali seguiu para o lago  
correndo muito vexado,  
muito adiante ele encontrou  
o principe desencantado  
devido estar muito fraco,  
inda não tinha chegado.



Depois que eles se juntaram foram então comentar:

—o principe de tão alegre não podia coversar e perguntou ao sultão:  
—como posso eu lhe pagar!?

Naquelas dôces palavras lhe respondeu o sultão;  
---eu de ti não quero nada só fiz minha obrigação de salvar um bom amigo, daquela imunda prisão.

Dali partiram eles dois naquela longa jornada, em vez de lago encontraram a cidade embandeirada e o povo todo esperando, do principe, a sua chegada.

Assim que avistaram o principe a grande população, olharam todos p'ro céu e puzeram os joelhos no chão vivendo a feliz chegada, do rei da sua nação.

Os vassallos do sultão que ali tinham ficado, quase morrem de alegria vendo o lago transformado tambem esperavam a vinda, daquele seu chefe amado.

Depois juntaram-se todos n'uma bela ocasião, a comitiva do principe e os vassallos do sultão houve ali longos discursos, e parabens a multidão,

Disse o principe ao sultão:  
---consinta eu recompensa-lo para o seu rice imperio eu pretendo acompanha-lo como seu paiz é longe, iremos tudo a cavallo.

Seguiu o grande cortêjo para a côrte imperial, os personagens da côrte com a familia real; foram levar o sultão, na sua terra natal.

Quando tiveram a noticia que seu monarca chegou, rolou festa quinze dias e quando se terminou somente em vender bebidas, não foi só um que enricou.

O principe mandou chamar o pescador velho honrado, e disse; a ti devo tudo por teres principiado a descobrir o feitiço, por quem eu fui encantado.

Deram-lhe tanto dinheiro  
que não pode carregar,  
levou o que as forças deram  
o resto deixou ficar  
morreu com cento e dois anos,  
sem ser preciso pescar. T. IV

Fim Recife, 6-8-946

Preço 3 Cruzeiros

Não Deixe De Lêr :

O Dia de Juizo

Historia de Balduino (ou o

Estudante que se vendeu ao Diabo)

Recife Novo, ou o Guia do Recife



1097

---

**A venda na casa Athayde  
na rua dos Pescadores, 57**

---

Remete se pelo correio qualquer quantidade de livros mediante a importancia do pedido para qualquer estado do Brasil

---

**A Pernambucana**  
De NIGRO A. SILVA

Livros, romances e modinhas dos mais conhecidos e aplaudidos autores brasileiros. Deposito permanente dos livros do trovador popular João Martins de Athayde. Grandes descontos aos revendedores  
Mercado Modelo n, 158 - BAHIA

---

Distribuidor exclusivo das publicações de João Martins de Athayde: Perfumaria Minerva Rua Frei Miguelinho, n. 87 Natal-Rio Grande do Norte. Hygino Aguiar Perfumista

---

**Tambem á venda na rua Japaratuba, 737  
Aracajú -- Marcelino de S. Bittencourt**

---